

Contas do leitor

O "nível" do ensino no DF

A carta abaixo foi enviada à secretária de Educação e Cultura do Distrito Federal com cópia para o Departamento Geral de Pedagogia da Fundação Educacional, Direção de Apoio Pedagógico, Sindicato dos Professores do Distrito Federal e **CORREIO BRAZILIENSE**:

"Atropelado por dificuldades financeiras, forçaram-me as circunstâncias a matricular meus dois filhos - um de 10, outro de 7 anos - em escola pública, precisamente a Escola Classe 104 Norte.

Passado um ano, obtenho o resultado daquela triste decisão: A garota, excelente aluna em todos os colégios por onde passou, sai, apesar de obter boas notas, apática em relação a várias áreas do conhecimento e insegura com relação à escola. O garoto, mais difícil, entra um aluno de elevada criatividade, com gosto pelas ciências naturais, grande fluidez linguística e certa indiferença à matemática, e sai apático às ciências naturais, com visível regressão no trato do idioma, odiando matemática, exageradamente tímido e arredio, com verdadeira ojerixa e temor a tudo o quanto se relaciona à escola.

Qual, de fato, a razão de tão desastrosos resultados?

Métodos pedagógicos absolutamente antiquados, concepções inadequadas da função do ensino e do aprendizado, professores e diretores absolutamente despreparados para a complexa tarefa de ensinar.

No plano do ensino convencional, meus filhos, ali, nada aprenderam. No plano do preparo para a vida, desaprenderam sensivelmente. Saem inseros, desconfiados dos adultos e confusos.

A verdadeira escola prepara para a vida. Se o aprendizado convencional - português, geografia, matemática, etc - consegue ser imposto à custa de temores e de insegurança que vão asperamente enraizar-se à personalidade da criança para o resto de sua vida, tal ensino desmerece-se a si mesmo. Um aprendizado convencional por um "desaprendizado" de vida, é troca que não faz sentido. É prática insana, é estupidez pura aplicada à perversidade.

Quando uma escola não consegue motivar o aluno para a aprendizagem, a ingressar espontânea e pacificamente no mundo do conhecimento, ela não é digna do nome "escola", pela própria origem da palavra.

Quando uma escola não conhece outro método de "ensino" que não o da repressão ela deseduca, prepara mentes doentias, constrói hoje os prepotentes e os ditadores de amanhã.

Quando os professores, despreparados para a tarefa maior de educar, no seu mais amplo sentido, querem formar grupos obedientes de servos para que eles próprios possam sentir-se soberanos absolutos e incontesteáveis num micromundo de crianças indefesas, divergem fundamentalmente da função social da escola.

A obediência cega ao professor, nada ensina, só deforma. Não cria homens livres. Cria, isto sim, cidadãos medrosos e frustrados, indivíduos sem criatividade e recalçados, despreparados para servir à sociedade e para enfrentar os problemas do seu tempo.

Educar não é punir. Não é ensinar à força (como são tristes as crianças da escola classe 104!). Educar não é ensinar a obedecer cegamente. Educar ensinar a pensar. É catalizar descobertas, é motivar, é fazer despertar de forma verdadeira o interesse pelo conhecimento, pela ciência dos homens e seus valores mais sublimes - a solidariedade, a bondade, o sentimento de justiça, etc - que, juntos, contribuirão para construir uma sociedade cada vez melhor, mais humana e mais digna.

O magistério é o caminho dos sábios. Não dos mediocres e dos intolerantes. Para que se possa ensinar é preciso **saber**. É preciso compreender. É preciso tolerar.

E lá não sabem. Lá não compreendem. Lá não toleram.

Lá se deseduca.

Deturpam-se personalidades. No afã de empurrarem alguns poucos conhecimentos que mal dominam, desencadeiam soberba onda de repressão em desesperada tentativa de criar cidadãos obedientes (seria a escola de George Orwell?). Ali usam-se assintomaticamente crianças para se extravasar recalques (e perceber que muitos pais e mães, meu Deus, aplaudem tais métodos em nome da disciplina e da ordem!). Ali nada ensinam que valha a pena.

Uma pena.

Uma pena notar-se que recursos extraídos de toda uma comunidade tão sacrificada (com exceção de uma "meia dúzia") sejam desperdiçados de forma tão grotesca.

Mas que se pede fazer depois de 20 longos anos de escuridão em que se buscou o endeusamento da segurança, ordem e disciplina?

Lutar. Lutar incessantemente, em todos os lugares, de todas as formas.

Por isso deixo meu protesto. Claro, abrangente, o mais impessoal possível. Não me preocupo só com os meus dois filhos. Preocupo-me com os filhos.

Sei que alguns podem dizer que há coisas piores. De fato, na FEBEM é pior. Mas lutaremos contra todas elas, em todos os níveis. Incansavelmente. Até a mudança total. Atenciosamente, **Hellval Rios** Jornalista - CLS 104 - Bloco C . ljs. 33/34 - Brasília - DF.

Lembrete: O por quê da afirmação de que os professores da 104 mal dominam o que ensinam: a uma questão que pedia para escrever por extenso a fração "0,05", o aluno escreveu "cinco centésimos". Correção da professora: errado, zero. Explicação: o aluno teria de escrever "zero vírgula zero cinco, como ensinado em sala, porque ninguém fala **cinco centésimos**". Outra questão: escrever por extenso 1/1000. O aluno escreveu "um milésimo". Da mesma forma foi considerado errado. Motivo: o aluno teria de escrever "um sobre mil". Dá pra agüentar?